



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

CRISLEINE DA SILVA MOURA

**FAMÍLIA E ESCOLA: PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS EM RELAÇÃO À
PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DOS
ALUNOS**

PICOS-PI

2016

CRISLEINE DA SILVA MOURA

**FAMÍLIA E ESCOLA: PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS EM RELAÇÃO À
PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DOS
ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB, como requisito parcial para obtenção do título de graduada.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Antonia Regina dos Santos Abreu Alves

PICOS – PI

2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M929f Moura, Crisleine da Silva.

Família e escola: percepção das professoras em relação à participação da família no processo de escolarização dos alunos. / Crisleine da Silva Moura. – 2016.

CD-ROM : 4 ¾ pol. (53f.)

Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí.

Orientador (a): Prof^ª. Ma. Antonia Regina dos Santos Abreu Alves.

1. Escola - Família. 2. Escolarização. 3. Professor - Diálogo.
I. Título.

CDD 371.192

CRISLEINE DA SILVA MOURA

**FAMÍLIA E ESCOLA: PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS EM RELAÇÃO À
PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DOS
ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da
Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus
Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB,
como requisito parcial para obtenção do título de
graduada, sob a avaliação da seguinte banca
examinadora:

Data da aprovação: 22/02/16

BANCA EXAMINADORA

Antonia Regina dos Santos Abreu Alves

Profª. Ma. Antonia Regina dos Santos Abreu Alves
Orientadora
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Maria Dolores dos Santos Vieira

Profª Ma. Maria Dolores dos Santos Vieira
1º membro
Universidade Federal do Piauí- UFPI

Fábio Soares da Paz

Profº Me. Fábio Soares da Paz
2º membro
Universidade Federal do Piauí- UFPI

Dedico este trabalho ao meu amado Deus pela proteção, força e coragem que me dá todos os dias, para seguir em frente sempre. Dedico também aos meus queridos pais Ivone e José Gentil pelo amor, força e compreensão que tem me dado durante toda a minha formação acadêmica. Essa conquista também é de vocês!

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente ao meu amado Deus pela força e presença constantes em minha vida, pois se não fosse com a sua proteção não teria conseguido chegar até aqui. Senhor, obrigada por sua infinita misericórdia. A cada dia posso sentir que “Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus” (Romanos, 8:28). A ti toda honra, glória e louvor!

A conclusão deste trabalho representa o encerramento de um longo período de muito esforço e abdicção. É com imensa alegria e lágrimas de saudades que olho para trás e percebo o quão valiosas foram todas as lições aprendidas durante todo o percurso da graduação. Agradeço a todos os mestres que compartilharam seus conhecimentos e suas vidas durante esses cinco anos. Foi um período inesquecível da minha vida!

Agradeço à minha querida orientadora Prof^ª. Ma. Antonia Regina dos Santos Abreu Alves, pela competência e paciência com que sempre me conduziu na elaboração deste trabalho. Obrigada pela escuta atenta às minhas inseguranças e por impulsionar-me a superá-las. Minha formação, pessoal e profissional, será sempre marcada pela sua sabedoria. Deus lhe retribua e abençoe grandiosamente.

À minha amada família pelo apoio incondicional na concretização desse sonho. À minha mãe, por todo amor, incentivo, força, dedicação e orações. Obrigada por acreditar e, me fazer acreditar no meu potencial. Ao meu pai pelo amor, auxílio e confiança, e ao meu irmão pelo apoio e torcida. Sei que através dessa realização vocês se alegram e se realizam. À vocês o meu amor e gratidão.

Aos parentes que torceram, especialmente á minha madrinha de batismo Clédia, pelo amor, estímulo, e orações, e á minha madrinha de crisma Maria do Carmo, pelo apoio, carinho e incentivo. Muito obrigada.

À minha querida amiga-irmã Paloma, que com sua amizade, carinho, cumplicidade e dedicação me ajudaram a alcançar este sonho. Obrigada pelas noites em claro, “puxões de orelha” e palavras firmes, que foram indispensáveis para que eu acreditasse que poderia chegar até aqui. A você meu amor e gratidão. “Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro” (Eclo 6, 14).

Aos meus amigos Josiana, Marcos, Jeferson e Junior, que de alguma forma colaboraram, incentivaram, auxiliaram, e estiveram ao meu lado nesta trajetória. Muito obrigada pela amizade, carinho e torcida. Á vocês meu agradecimento e afeto.

Quero agradecer ao meu amigo Lucas por compartilhar comigo tantos momentos dessa trajetória. Estudamos, brincamos, brigamos, sorrimos, e aqui chegamos. Obrigada por tudo! Que nossa amizade e carinho permaneçam para sempre.

Ao meu grupo Danyella, Fernanda, Lucas, Talita e Tarciana, por me ensinarem os desafios, as angústias e também as alegrias do trabalho em equipe, que tornaram esses cinco anos de convivência memoráveis.

Aos demais colegas de graduação. Foram muitas aprendizagens e experiências compartilhadas que também contribuíram para minha formação pessoal e profissional. E a vocês Jaime e Anthonye, obrigada pela amizade, auxílio e partilha.

Ao Dr. Altimar pela flexibilidade e compreensão nos primeiros anos da minha graduação, quando tive que me dedicar concomitantemente à jornada acadêmica e ao trabalho. Obrigada pelo apoio e amizade.

Agradeço às professoras entrevistadas, que colaboraram para construção deste trabalho ao se disponibilizarem para falar sobre as suas experiências em sala de aula. Obrigada.

Ao prof^o Me. Fábio Soares da Paz e a prof^a Ma. Maria Dolores dos Santos Vieira, obrigada pela disponibilidade de participação na banca.

Á Prof^a Ma. Maria Dolores pela atenção e palavras de incentivo, tão importantes para o início deste trabalho. Minha gratidão e carinho.

E a todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para com a realização deste trabalho. Muito obrigada!

“A educação não se faz somente pela escola, cuja ação é favorecida ou contrariada, ampliada ou reduzida pelo jogo de forças que concorrem ao movimento das sociedades modernas. Numerosas e variadíssimas são as influências que formam o homem através da existência. Há a herança que é a escola da espécie, a família que é a escola de pais, o ambiente social que é a escola da comunidade”.

(CASTRO E REGATTIERI, 2010).

RESUMO

O presente trabalho acadêmico tem como tema central o estudo da relação entre Família e Escola e busca fazer uma análise da percepção das professoras em relação à participação da família no processo de escolarização dos alunos de ensino fundamental de uma escola pública de Picos no ano de 2015. A integração entre estes dois contextos sociais proporciona a promoção do desenvolvimento escolar e humano, refletindo positivamente no desempenho escolar dos educandos. Para fundamentar esta pesquisa, embasamo-nos em autores como: Caetano (2004), Castro e Regattieri (2010), Chraim (2009), Oliveira e Marinho-Araújo (2010), Paro (2008), Piaget (2007), Polonia e Dessen (2007), Reali e Tancredi (2005) dentre outros. Esta pesquisa é tipo qualitativa e para tal, foram utilizados como instrumentos as entrevistas estruturadas que foram elaboradas e aplicadas às docentes da Unidade Escolar Duque de Caxias. Após a coleta de dados deu-se início à etapa de análise dos resultados obtidos. Diante de todas as informações adquiridas neste estudo, pode-se concluir que a escola tem a grande missão de adaptar-se aos contextos social e cultural aos quais seus alunos estão inseridos, devendo, pois, buscar meios para que haja uma verdadeira interação com as famílias, para que aconteçam momentos de trocas de informações e a efetivação de um diálogo que, deve se tornar frequente entre as famílias e os professores que atuam nas escolas onde as crianças estudam.

Palavras-chave: Família. Escola. Interação. Diálogo.

ABSTRACT

This academic work is focused on the study of the relationship between family and school and seeks to analyze the perception of teachers in relation to family participation in the educational process of primary school students at a Picos public school of the year 2015. The integration of these two social contexts provides the promotion of educational and human development, reflecting positively on the academic performance of students. To support this research, we base ourselves on authors such as Caetano (2004), Castro and Regattieri (2010), Chraim (2009), Oliveira and Marinho-Araujo (2010), Paro (2008), Piaget (2007), Poland and Dessen (2007), Reali and Tancredi (2005) among others. This research is qualitative type and for such instruments and structured interviews were prepared and applied to teachers of School Unit Duque de Caxias. After data collection it was begun the analysis stage of the results. After all the information obtained in this study, we can conclude that the school has a great task to adapt to social and cultural contexts to which its students are inserted and so to look for ways to achieve genuine interaction with families, in order there are moments of information exchange and the effectiveness of a dialogue that must become common among families and teachers who work in schools where children study.

Keywords: Family. School. Interaction. Dialogue.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Visão externa da escola Municipal Duque de Caxias – Picos-PI.....	32
Quadro 1. Perfil das docentes.....	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
1.1 Família, escola e suas interações.....	14
1.2 Família e escola: participação e diálogo.....	18
2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	29
2.1 Tipo de pesquisa.....	29
2.2 Instrumentos de coleta de dados.....	30
2.3 Caracterização do campo de pesquisa.....	31
2.4 Caracterização dos sujeitos.....	32
3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	34
3.1 Resultados das entrevistas realizadas com as professoras.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE.....	51

INTRODUÇÃO

O presente trabalho acadêmico tem como tema central: Família e Escola, e busca fazer uma análise da percepção das professoras em relação à participação da família no processo de escolarização dos alunos de ensino fundamental. Essa pesquisa foi desenvolvida em uma escola de Picos no ano de 2015.

A família e a escola são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento, são as duas instituições fundamentais para os processos evolutivos das pessoas. Ambos os contextos configuram-se como espaços para a formação do sujeito.

O envolvimento dos pais com a escola é, hoje em dia, considerado como um componente importante para o bom desempenho dos estudantes. Essa convivência, quando acontece de forma constante, fortalece os vínculos que a escola pretende criar com os estudantes, ao mesmo tempo, a família sente-se parte deste processo, bem como responsável por ele. Mas, as mudanças que vêm acontecendo na sociedade têm influenciado diretamente na rotina das famílias, pois a exigência do mercado de trabalho faz com que os pais precisem passar mais tempo trabalhando e com isso, ficam um pouco ausentes no acompanhamento das crianças na escola.

A escolha desta temática surgiu a partir de experiências vividas durante o estágio curricular, em que percebemos a importância da interação entre a família e a escola para o êxito escolar dos alunos. Muitas eram as inquietações apresentadas pelos docentes, devido o não acompanhamento dos pais quanto às atividades propostas pela escola para serem realizadas em casa, no estudo para as avaliações bimestrais e o não comparecimento dos mesmos nas reuniões escolares. A partir dessa compreensão, surgiu o interesse em realizar uma pesquisa sobre o acompanhamento dos pais aos seus filhos nas escolas, e o desdobramento deste para o seu desempenho.

Diante dessas observações, surge o seguinte questionamento como norteador deste trabalho: qual a percepção dos professores em relação à participação da família no processo de escolarização dos alunos?

Definimos como objetivo geral da pesquisa: investigar a relação família-escola na Unidade Escolar Duque de Caxias no ano de 2015. Estabelecemos como objetivos específicos: Conhecer a visão das educadoras a respeito da participação da família no processo de escolarização dos alunos; Compreender a importância da relação família-escola para o desempenho escolar dos alunos; Identificar a interação da família na escola, e suas contribuições e limitações para o desempenho escolar dos filhos.

O nosso trabalho foi dividido em três capítulos: o primeiro capítulo apresenta o referencial teórico, em que discutimos as teorias que fundamentaram nossa pesquisa, no qual trazemos dois subtópicos: Família, escola e suas interações; Família e escola: participação e diálogo.

No segundo capítulo, descrevemos o percurso metodológico utilizado para desenvolvermos a pesquisa. Apontamos o tipo de pesquisa, os instrumentos para coleta de dados, a caracterização do campo de pesquisa e dos sujeitos.

O terceiro capítulo nos revela os achados de nossa pesquisa, e as análises que foram feitas, apresentando deste modo, os resultados das entrevistas realizadas com as professoras sujeitos do referido estudo.

A seguir, temos a discussão do primeiro capítulo, em que trazemos o debate sobre a temática através do embasamento de teóricos que abordam a temática “família e escola”.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Discutir sobre a relação entre a família e a escola faz-se necessário devido à sua importância no processo de escolarização dos alunos. A integração entre estes dois contextos proporciona a promoção do desenvolvimento escolar e humano, refletindo positivamente no desempenho escolar dos educandos.

Este capítulo tem como objetivo realizar uma reflexão sobre a interação família-escola e o diálogo entre elas, a partir de conceitos formados por teóricos como: Caetano (2004), Castro e Regattieri (Orgs.) (2010), Chraim (2009), Joyce Epstein (1990), Mahoney (2002), Malavazi (2000), Oliveira e Marinho-Araújo (2010), Paro (2008), Piaget (2007), Polonia e Dessen (2007), Reali e Tancredi (2005).

1.1 Família, escola e suas interações

A família é o primeiro ambiente de socialização do indivíduo, funcionando como mediadora principal dos padrões, modelos e influências culturais (AMAZONAS et al., 2003). Analisando a referida afirmação, destacamos que a família é a primeira mediadora entre o homem, a sociedade e suas práticas culturais, além de primeira instituição formadora e educadora do indivíduo enquanto ser sociocultural. É na interação com a família que a criança aprende as primeiras palavras, algumas regras, a identificar-se como membro de determinada cultura, dentre diversos outros fatores culturais. Kreppner (2000) afirma esta ideia, quando diz que a família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades. É através da família que a criança adquire a concepção de valores culturais e modelos de formação para viver socialmente.

Dessen e Polonia (2007) afirmam que a família busca assegurar a continuidade e o bem estar dos seus membros, incluindo a proteção e o bem estar da criança. Influencia também no comportamento dos indivíduos, especialmente das crianças, que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais. As autoras ainda fazem a seguinte reflexão:

E é por meio das interações familiares que se concretizam as transformações nas sociedades que, por sua vez, influenciarão as relações familiares futuras, caracterizando-se por um processo de influências bidirecionais, entre os membros familiares e os diferentes ambientes que compõem os sistemas sociais, dentre eles a escola, constituem fator preponderante para o desenvolvimento da pessoa (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 22).

As interações familiares influenciam na formação do ser social, desde sua infância, e este aprende, ressignifica e repassa conhecimento, à medida em que se relaciona em outros espaços, nos quais as culturas e as relações são diferentes. A escola, geralmente, atende uma grande demanda de crianças de diferentes etnias, credos, classes e culturas, e esta se faz importante, no sentido de mediar toda essa diferença e fazer com que todos convivam na e pela diferença.

Diante das transformações tecnológicas, sociais e econômicas, é possível perceber mudanças na estrutura, organização e padrões familiares. Empregamos o “conceito amplo de família, no sentido de quem exerce as funções de cuidados básicos de higiene, saúde, alimentação, orientação e afeto, mesmo sem laços de consanguinidade” (CASTRO; REGATTIERI, 2010, p.13). Sobre isso, Chraim (2009, p. 26) reflete esta questão nos dizendo que,

Não importa de quantos nem de quais elementos uma família se compõe. O que importa é a qualidade dos laços afetivos que mantém a dinâmica familiar: o que a família faz com o que têm, como processa suas dificuldades, quais os valores com os quais ela forma seus filhos e qual o seu real comprometimento na formação de suas crianças.

Entendemos que família, nos tempos atuais, não se resume apenas em um pai, uma mãe e filhos. Existem diferentes formações familiares e estas formações devem e merecem ser respeitadas, pois, da mesma forma que a “família tradicional” ensina e educa uma criança, estas novas formações também atuam no mesmo sentido.

A base familiar, seja como for essa família, é de grande importância na formação das crianças e influencia diretamente na construção da identidade através dos laços afetivos, vivências e experiências aprendidas e compartilhadas, pois “a família é a sua primeira sociedade, é nela que a criança começa a ter seus primeiros contatos com a convivência humana” (CHAIM, 2009, p.40). Existem atribuições referentes à educação das crianças que são deveres da família, onde estas por sua vez, necessitam estar sempre presentes na vida dos filhos.

Segundo Malavazi (2000, p. 258) “[...] algumas atribuições são específicas da família que tem o direito de reivindicá-las para si, enquanto outras cabem à escola que, pela sua natureza, poderá ocupar-se melhor delas”, apesar de, muitas vezes, escola e família assumirem o papel uma da outra quanto à transmissão do ensino e normas de conduta, cada instituição tem suas funções específicas.

É importante compreendermos que a atribuição de educar uma criança não é, contudo, apenas dever da família, ficando a cargo da escola, além de educar, ensinar conteúdos e disciplinas que contribuirão para a inserção do indivíduo na sociedade. Estas duas instituições (família e escola) necessitam caminharem na mesma direção, para que de fato, a constituição do ser cidadão, seja efetivada.

A Escola é uma instituição que tem como função o ensino e a aprendizagem através de um saber sistematizado. Libâneo, Oliveira e Toschi (2007, p. 304) afirmam que o objetivo primordial da escola é o ensino e a aprendizagem dos discentes e pontuam que “é a escola como um todo que deve responsabilizar-se pela aprendizagem dos alunos [...]”. Para Polonia e Dessen (2005, p. 304), "um dos seus papéis principais é a socialização da criança, isto é, sua inclusão no mundo cultural mediante o ensino da língua materna, dos símbolos e regras de convivência em grupo, englobando a educação geral e parte da formal, em colaboração com a escola".

Percebemos, a importância da vivência das crianças na escola, pois esta, além de apresentar disciplinas essenciais para a criança, ainda reforça a cultura, os símbolos familiares, propicia troca de experiências e de relações, implicando tudo isso no aprendizado do aluno. A criança que não está na escola fica privada do ensino formal, além de não alcançar novos desafios, vivenciar novas culturas, novas brincadeiras e novos símbolos, dificultando assim, sua convivência em sociedade.

A escola transmite um conhecimento estruturado, que tem o objetivo de garantir a apreensão de conhecimentos, mediado pelo processo ensino-aprendizagem, porém, assim como a família pode utilizar-se deste espaço para desenvolver em seus alunos crenças, ideias e valores, buscando a formação de cidadãos inseridos na sociedade, críticos e agentes de transformação (POLONIA; DESSEN, 2005).

Vários autores como Caetano (2004), Castro e Regattieri (2010), Chraim (2009), Epstein (1990), Mahoney (2002), Malavazi (2000), Oliveira e Marinho-Araújo (2010), Paro (2008), Piaget (2007), Dessen e Polonia (2007), Reali e Tancredi (2005) pesquisaram sobre a importância da relação entre família e escola, e a partir de suas investigações, pode-se perceber que há a necessidade de uma integração mais eficaz entre estas duas partes que compõem a vida do estudante, pois ambas são responsáveis pelo desenvolvimento e pela educação da criança.

Segundo as autoras Dessen e Polonia (2007), a família e escola são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, instituições fundamentais para os processos evolutivos das pessoas, sendo propulsoras ou inibidoras do

crescimento físico, intelectual, emocional e social dos filhos/alunos. Daí a necessidade de comunicação entre estes dois espaços, buscando sempre adaptar as propostas de ensino, e de acompanhamento familiar, para a efetivação do processo de ensino – aprendizagem.

Diante de suas especificidades e complementariedades, a escola e a família divergem na maneira de ensinar. A primeira favorece o aprendizado através de conhecimentos construídos socialmente, e a segunda tem a função de promover a socialização das crianças (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010). Compreendemos que, tanto a escola quanto a família têm papéis fundamentais, e que nenhuma destas duas instâncias devem perder sua função. Chraim (2009, p. 45) reitera esta ideia ao afirmar:

Se a aprendizagem começa na base familiar onde os pais formam o caráter, os valores, o respeito pelas leis, hierarquia; agora, é a vida escolar que vai complementar esse crescimento, ao informar, transmitir conhecimentos, reforçar o sentido de cidadania, dando reforços às responsabilidades sociais por meio da vida acadêmica.

No contexto familiar, as crianças adquirem conhecimentos formativos quanto ao caráter e valores através do convívio com os seus, e na escola elas encontram um espaço que oportuniza a interação e a continuidade do aprendizado adquirido, acrescentado a um conhecimento sistematizado, em que a escola “[...] deve responsabilizar-se pela transmissão de conhecimentos capazes de formar cidadãos comprometidos com a vida social” (CHRAIM, 2009, p. 59). A ideia de participação social deve ser construída na criança, desta forma, a escola irá trabalhar conteúdos que irão transmitir normas, valores e atitudes que levará as crianças à reflexão e entendimento crítico, contribuindo para a formação moral e ética dos alunos.

Para Mahoney (2002), a escola é um local diversificado de aprendizagem e desenvolvimento, no qual há uma variedade de conhecimentos, atividades, regras e valores intercalados por conflitos, problemas e diferenças. A escola funciona como um caldeirão cultural, nele, todos os conhecimentos (sociais e científicos) se chocam, cabendo aos atores envolvidos no processo de ensino – aprendizagem, mediar todas estas questões. Os conflitos, por conta de toda essa diferença propiciam o aprendizado do novo, estabelecendo o espaço para a crítica, análise, discussão e descoberta de novos saberes.

No contexto escolar, encontra-se uma diversidade de pessoas com características distintas em interação e desenvolvimento. Sendo um ambiente multicultural, propicia vínculos afetivos e preparo para introdução na sociedade (OLIVEIRA, 2000). A criança adquire nos

contextos familiar e escolar aprendizagens que lhe permitirão desenvolver-se para interagir em sociedade e adaptar-se aos diferentes lugares e atividades que lhe serão propostas.

Os aportes teóricos nesta parte do trabalho, permite-nos observar que na educação do ser humano, temos dois polos fundamentais, o primeiro é a família e o segundo a escola. A família ensina os princípios morais, os valores, a cultura; e a escola, além destes, ensina conteúdos curriculares que assegurarão a instrução e apreensão de conhecimentos, ambos fundamentais para a trajetória de vida das pessoas. Por esse viés, família e escola são duas instituições que influenciam o desenvolvimento humano. Esses dois sistemas têm objetivos distintos, mas que se interpenetram, uma vez que "compartilham a tarefa de preparar as crianças e os jovens para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade" (REALI & TANCREDI, 2005, p. 240).

Passaremos a discutir no próximo tópico, as relações de diálogo que precisam acontecer entre a família e a escola, pois, usando este mecanismo, as duas instituições poderão contribuir mais positivamente na aprendizagem das crianças.

1.2 Família e escola: participação e diálogo

Essa seção tem por finalidade fazer uma discussão sobre a participação da família na vida escolar dos filhos e na escola e o diálogo entre escola e família como instituições formadoras. Sobre a participação das famílias na vida escolar, Castro e Regattieri (2010, p.10) fazem as seguintes reflexões:

A participação das famílias na vida escolar de seus filhos, sobretudo nos primeiros anos do ensino fundamental, é destacada como estratégia importante de apoio à aprendizagem em publicações técnicas e nas cartas e declarações internacionais resultantes de reuniões e conferências convocadas pela UNESCO desde os anos 1980. Entre elas, vale lembrar como marcos a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (JOMNTIEN,1990), reafirmada pela Conferência de Dacar (2000), que estabeleceu como um de seus objetivos assegurar, até 2015, o atendimento das necessidades de aprendizado de todas as crianças, jovens e adultos em processo equitativo. Como país-membro da UNESCO, o Brasil, por meio do Ministério da Educação, também tem renovado, ano a ano, este compromisso.

As autoras destacam a importância da participação das famílias na vida escolar dos filhos e que esta é uma importante estratégia no apoio ao aprendizado dos mesmos e sobre isso, mostram como este tema tem sido intensificado através de reuniões e conferências, com o objetivo de atender as necessidades de aprendizado de todas as crianças e que o Brasil se insere nesta perspectiva renovando ano a ano esse compromisso.

O texto da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) diz no art. 205 que: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Em nossa sociedade, família e escola são instituições responsáveis legal e moralmente pela educação das crianças. Ambas devem interagir para garantir os direitos da criança dando o apoio necessário para o pleno desenvolvimento da aprendizagem. Reforçando esse pensamento, Bhering e Siraj-Blatchford (1999, p. 192) discorrem:

O envolvimento de pais não só contribui com todo o processo escolar, como também contribui para uma melhoria dos ambientes familiares e eventualmente poderá influenciar positivamente tanto no curso do desenvolvimento das crianças, como no rendimento escolar.

Para Carvalho (2000, p. 148), "tanto nos Estados Unidos como no Brasil, a fórmula da relação família- escola seria a seguinte: mais envolvimento dos pais em casa equivale a maior aproveitamento e permanência na escola por parte dos alunos; mais participação dos pais na escola resulta em melhores escolas”.

Para as autoras Bhering e Siraj-Blatchford (1999), e Carvalho (2000), o envolvimento dos pais na escola é de fundamental importância, garantindo excelentes oportunidades de aprendizagem, pois “os benefícios de uma boa integração entre a família e a escola relacionam-se a possíveis transformações evolutivas nos níveis cognitivos, afetivos, sociais e de personalidade dos alunos” (POLONIA; DESSEN, 2005, p. 305), além do que, a aproximação dos pais com a escola pode resultar em melhores escolas, a partir da colaboração, cobrança e acompanhamento dos mesmos, pois a escola deve ceder espaço para a participação dos pais, não só nas reuniões de pais e mestres, mas também, nos conselhos de classe, e conselhos escolar, objetivando a construção de uma escola mais participativa, presente e ligada à realidade onde está inserida.

Ainda sobre a participação dos pais e da comunidade no processo pedagógico, Paro (2001, p. 67) destaca que “[...] não pode cair no equívoco de delegar aos pais e à comunidade aquilo que compete ao Estado, por meio da escola, realizar”, pois “[...] não se pode exigir que eles participem do que não tem condições de dar conta e que é obrigação da escola fazê-lo [...]” (PARO, 2008, p. 52), ou seja, o Estado atribui funções à escola, e esta deve desenvolvê-la através das atribuições que lhe cabem, não envolvendo os pais e a comunidade em questões que não lhes competem.

A participação da família na escola precisa estar "[...] ligada à tomada de decisões e não como mera forma de prestação de serviços ou de contribuição financeira por parte da população" (PARO, 2007, p.10), diz ainda que "não basta permitir formalmente que os pais de alunos participem da administração da escola, é preciso que haja condições propiciadoras dessa participação" (PARO, 2008, p. 13). Participando das tomadas de decisões da escola, os pais,

[...] além de terem melhores condições de influir nas tomadas de decisão a respeito das ações e objetivos da escola, eles estarão investindo na melhoria da qualidade da educação de seus filhos, bem como na melhoria de sua própria qualidade de vida, na medida em que esses adultos estarão mais capazes, intelectualmente, de usufruir melhor de bens culturais a que têm direito e que antes não estavam a seu alcance (PARO, 2001, p. 68).

Castro e Regattieri (2010, p.15) nos dizem que: "a expressão interação escola-família se baseia na ideia de reciprocidade e de influência mútua, considerando as especificidades e mesmo as assimetrias existentes nessa relação". Desta forma, entendemos que a interação família e escola traduz-se em comunicação, diálogo e trabalho compartilhado com trocas e influências recíprocas entre ambos.

As escolas precisam funcionar de maneira democrática, dando vez e voz à comunidade onde está inserida, logo, os pais dos alunos que estudam nestas escolas, também terão a oportunidade de participarem de decisões importantes, que contribuirão positivamente para o desenvolvimentos destes alunos. Afinal, entendemos que, por mais que a escola esteja inserida em determinada comunidade, ela não conseguirá saber sobre as especificidades de todos os seus alunos. Logo, essa informação só será possível, se a instituição abrir espaço para que os pais, alunos e demais membros destas comunidades possam posicionar-se e dialogar com os gestores, professores e demais funcionários deste espaço. Seguindo esta lógica, Castro e Regattieri (2010, p. 16), destacam que:

A assimetria das posições está vinculada também às diferentes responsabilidades que a família e o Estado têm em relação à educação escolar das crianças e adolescentes. Para assegurar a oferta de educação escolar, o Estado institui um sistema de ensino operado por profissionais especializados, encarregados de transmitir saberes socialmente validados. A família, por sua vez, desempenha seu papel educacional a partir de um contexto sociocultural específico.

O estado oferta o sistema de ensino através das escolas, este operado por profissionais especializados e os pais por sua vez, inserem seus filhos, matriculando-os no sistema de ensino e passam a acompanhá-los durante todo o processo de escolarização, sendo necessário um diálogo constante entre estas duas instâncias, para que ambas possam caminhar na mesma

direção, para que o aprendizado das crianças, de fato se constitua. “O desafio é fazer com que essa assimetria produza complementaridade, e não exclusão ou superposição de papéis” (CASTRO; REGATTIERI, 2010, p. 16). Nidelcoff (1983), alerta para um possível impasse, que pode causar algumas tensões no que tange à interação e o diálogo entre a instituição familiar e a instituição escolar, impasse esse, causado devido à mudanças e comportamentos sociais. Conforme explicita a autora,

Nos últimos vinte e cinco anos, houve grandes mudanças comportamentais e sociais da família e da comunidade, acrescentando-se a elas, novas configurações familiares que, causam à escola, dificuldades de entendimento. Aliados a isto, dois fatores parecem pesar muito para a nova forma de ser e de agir da família; um deles diz respeito à mulher exclusivamente mãe e, outro se refere à mulher mãe e trabalhadora, com dupla jornada de trabalho [...] Em compensação, menor tempo da mãe em casa, menos acompanhamento da vida escolar e educacional do filho dentre outras atribuições (NIDELCOFF, 1983, p. 68).

A autora nos fala sobre esta problemática no início da década de 1980, mas na sociedade contemporânea esta realidade permanece, pois as mudanças socioeconômicas continuam interferindo nas relações familiares de modo que, em muitos casos, os pais necessitando trabalhar, são obrigados a saírem muito cedo e só retornarem à noite, o que dificulta o acompanhamento escolar dos filhos e a participação nas atividades escolares, além de comprometer, também, a educação que se faz no espaço familiar, pois os filhos, devido ao grande tempo de ausência dos pais, podem acabar não os enxergando mais como pessoas dispostas e favoráveis a contribuir com a sua formação enquanto cidadão. Sobre essa realidade, Castro e Regattierri (2010, p. 25) discorrem:

[...] as várias mudanças políticas, econômicas e culturais ocorridas, sobretudo na segunda metade do século XX, tiveram forte impacto sobre o papel da mulher e sobre a configuração das famílias, que se tornaram menos numerosas e menos sujeitas ao controle patriarcal. Assim as famílias contemporâneas assumem novos formatos com mães responsáveis pelo sustento dos filhos, pais solteiros, madrastas e padrastos de segundos casamentos, união entre pessoas do mesmo sexo com direito a adoção de filhos etc. A organização das famílias passa a incluir novos arranjos que refletem mudanças socioculturais. Dessa forma, não tem sentido fazer referência a essas diferentes configurações como “famílias desestruturadas”, uma vez que na verdade elas configuram novas estruturas e não a falta de estrutura. Isso não significa dizer que não existam famílias negligentes ou omissas, nem implica em negar a situação de vulnerabilidade de muitas – mas é preciso discernir entre o que realmente traz problemas para as crianças e o que é apenas sinal de novos tempos. Vale lembrar que estas transformações e rearranjos familiares se encontram atualmente presentes em todos os grupos sociais e nem todas as crianças oriundas destas novas estruturas familiares vivenciam problemas escolares ou sociais.

Ao afirmarmos que uma família é desestruturada, por compor uma nova formação familiar como as explicitadas na citação acima, estamos afirmando, também, que por ser

desestruturada, a família afeta negativamente, dentre outros aspectos, no desenvolvimento escolar das crianças que fazem parte destas famílias. Porém, como bem explicitaram as autoras Castro e Regattieri (2010), na verdade, não podemos entender e enxergar essas novas famílias como desestruturadas, mas sim, como novas estruturas familiares, decorrentes da evolução social a qual passamos diariamente, e que também contribuem com os processos formativos dos filhos.

Szymanski (2003, p. 68) afirma que "é frequente ouvirmos depoimentos de professores ou membros da equipe escolar acerca de que as famílias são 'desestruturadas', 'desinteressadas', carentes e, no caso de comunidade de baixa renda, violentas". Desta forma, generalizam quando afirmam que as famílias são desinteressadas e desestruturadas, deixando de levar em consideração a configuração familiar, as condições sociais e financeiras nas quais os alunos e suas famílias estão inseridos. Estes debates decorrem da dificuldade de compreensão sobre o "novo", o "diferente", e essas limitações são desafios que precisam ser diariamente rompidos pelos membros das escolas.

Segundo Oliveira e Marinho-Araújo (2010, p.103), "no relato de muitos professores há afirmação de que, apesar de abrirem as portas da escola à participação dos pais, esses são desinteressados sobre a educação dos filhos, na medida em que atribuem à escola toda a responsabilidade pela educação". Pensando desta forma, os professores deixam de refletir sobre as diferentes causas que levam à pouca participação dos pais na escola, preferindo pensar que eles atribuem somente a esta instituição a responsabilidade pela educação dos filhos. Esta posição dos professores "visa, apenas, culpar a vítima e é uma visão pessimista das relações escola/pais" (MARQUES, 1999, p. 15).

Alguns docentes acreditam que é função da família procurar a escola para saber sobre o desenvolvimento dos filhos. Em contraposição a este pensamento, Tancredi e Reali (2001, 2002) e Caetano (2004) afirmam que a parceria entre escola e família deve partir dos professores, já que estes são elementos-chave no processo de aprendizagem e portadores de formação profissional específica. "Transferir essa função à família somente reforça sentimento de ansiedade, vergonha e incapacidade aos pais, uma vez que não são eles os especialistas em educação" (CAETANO, 2004, p. 58).

Castro e Regattieri, organizadoras do livro "Interação escola-família: subsídios para práticas escolares" (2010) enfatizam que há uma grande diferença na hora de descrever a relação escola-família não família-escola, afirmando que a iniciativa da construção da relação entre as duas instituições deve partir da escola para a família, e não da família para a escola. Desta forma,

Estamos assumindo que a aproximação com as famílias é parte do trabalho escolar, uma vez que as condições familiares estão presentes de forma latente ou manifestada na relação professor-aluno e constituem chaves de compreensão importantes para o planejamento da ação pedagógica (CASTRO; REGATTIERI, 2010, p.16).

Analisando essa definição, podemos observar a importância de compreendermos o papel da escola na construção da relação com a família dos alunos/as. À escola compete a abertura do diálogo para que haja entendimento, participação e colaboração dos pais/mães no processo de escolarização dos filhos/as e na participação ativa na escola.

Apesar do discurso de que a escola é que deve suscitar a presença das famílias, os modelos existentes de envolvimento entre família e escola enfocam, sobretudo a iniciativa dos pais/mães, fazendo pouca referência às ações dos professores/as e da escola (MARQUES, 1999) no que se refere à construção desta relação como nos modelos propostos por Joyce Epstein, Don Davies e Owen Heleen. Para exemplificar, o modelo de Joyce Epstein (MARQUES, 1999) defende a existência de cinco tipos de envolvimento:

a) os pais ajudarem os filhos em casa, que diz respeito à função dos pais em atender as necessidades básicas dos filhos e em organizar a rotina familiar diária; b) os professores comunicarem-se com os pais, que se refere à função da escola de informar os pais acerca do regulamento interno da escola, dos programas escolares e dos progressos e dificuldades dos filhos; c) envolvimento dos pais na escola, apoiando voluntariamente a organização de festas e alunos com dificuldades de aprendizagem; d) envolvimento dos pais em atividades de aprendizagem, em casa, participando da realização de trabalhos, projetos e deveres de casa; e) envolvimento dos pais na direção das escolas, influenciando e participando da tomada de decisões, se possível (1999, p. 103).

Diante disso, Polonia e Dessen (2005, p. 307) afirmam que “os pais devem participar ativamente da educação de seus filhos, tanto em casa quanto na escola, e devem envolver-se nas tomadas de decisão e em atividades voluntárias, sejam esporádicas ou permanentes, dependendo de sua disponibilidade”, só assim, os pais ajudarão a constituir uma escola que compreende as necessidades e os anseios deles e dos filhos/as. Para Castro e Regattieri (2010, p. 17), a interação escola-família é processual, e desenvolve-se em curto, médio e longo prazos, nessa assertiva afirmam:

No primeiro momento faz-se o conhecimento mútuo; no segundo são estabelecidas as condições de negociação das responsabilidades específicas sobre a educação das crianças, e, por fim, no terceiro, são construídos espaços de corresponsabilidade, abertos também à participação de outros atores importantes no processo de educação dos filhos/alunos.

A partir do supracitado, podemos perceber a importância do cumprimento de etapas no processo de construção da relação entre escola e família, na qual possa ficar evidenciado que tanto uma quanto a outra tem papel fundamental na formação e na constituição da criança, enquanto ser social, profissional e humano. Contrapondo essa afirmação, “é muito comum os sistemas de ensino e escolas partirem direto para a negociação/cobrança de responsabilidades das famílias, antes de compreenderem as condições dos diversos grupos de familiares dos alunos” (CASTRO; REGATTIERI, 2010, p.17).

A escola deve levar em consideração o contexto social em que os seus alunos estão inseridos, para assim poderem desenvolver mecanismos satisfatórios de aproximação com eles e seus familiares. Vários fatores interferem no acompanhamento dos pais, como por exemplo: experiências negativas no período de escolarização, o que pode refletir numa percepção negativa da escola para os filhos, e ainda agirem com uma postura distante e desconfiada (GROSSMAN, 1999).

Além disso, “o pouco tempo para acompanhar a criança, as oportunidades mínimas para realizar a aproximação com a escola, a indiferença ou antagonismo quanto à sua presença na instituição, são comuns no espaço escolar” (POLONIA; DESSEN, 2005, p. 308), e esses são fatores que dificultam a participação das famílias no processo de escolarização dos filhos/as, assim como o envolvimento na instituição escolar.

É necessário que as escolas trabalhem incansavelmente, para que os pais compreendam o real papel destas instituições na formação de seus filhos, de posse desse entendimento, poderão colaborar com a escola, no sentido de repassar essa percepção de importância do ambiente escolar para os filhos/as. Acreditamos que, se esse ambiente não se caracteriza de uma forma importante para os pais, estes por sua vez, farão os filhos entenderem a escola da mesma forma. Daí a importância da abertura da escola para os pais/mães, do diálogo entre as duas instituições.

O diálogo entre família e escola dá suporte para os filhos, e garante uma participação mais efetiva destes nas aulas, e um bom desenvolvimento, rompendo paradigmas causados por questões relacionadas a quaisquer diferenças sociais que possam atrapalhar o processo de ensino-aprendizagem na escola. Como sinaliza Polonia e Dessen (2005, p. 306),

Ao lado disso, os pais de baixo nível sócio-econômico têm dificuldades ou se sentem inseguros ao participarem do currículo escolar. Os conflitos e limitações na sua participação podem ser produtos de sua imagem negativa como pais, de sua própria experiência escolar ou de um sentimento de inadequação em relação à aprendizagem. Mas, tais limitações também podem estar diretamente ligadas ao corpo docente, como o receio dos professores de serem cobrados e fiscalizados pelos

pais, a percepção de que os pais não têm capacidade ou condições de auxiliar os filhos e a ausência de um programa ou projeto que integre pais e professores, em um sistema de colaboração.

Os professores/as devem enxergar os pais, independente de classe social, cor, orientação sexual, religião e/ou credo, como pessoas que têm muito a contribuir com a escola e com o aprendizado dos filhos/as. Pois, essas crianças aprendem e são educadas, primeiramente, com a família, o que engloba todos os aspectos sócio – culturais que pertencem a esta instância. Assim, a escola fazendo parte da comunidade, ou do meio social no qual estas famílias estão inseridas, precisa compreender todas estas questões para melhorar o seu trabalho.

As escolas devem trabalhar os conteúdos previstos nos currículos aproximando-os da realidade em que os seus alunos e alunas estão inseridos, pois, desta forma, não estaria descaracterizando este espaço, e a comunidade a que esse espaço atende. Além de facilitar os debates e o estabelecimento de diálogo e participação entre família e escola.

São diversos os mecanismos que a escola pode utilizar para aproximar-se das famílias. Uma delas é a reunião de pais e mestres, que, em geral, tem sido compreendida pelos pais como um momento no qual irão receber reclamações por conta do comportamento dos filhos, ou por conta das notas baixas, ou algo bastante desagradável que aconteceu no espaço escolar. E, de fato, ao longo dos anos, a reunião de pais e mestres ganhou esse aspecto, por ser um momento onde os professores/as e gestores/as reservam para fazer cobranças, falar sobre notas e atitudes errôneas dos alunos.

Esta imagem “tensa” referente às reuniões deve ser desconstruída, para tornar-se momento de estabelecimento de metas, conversas sobre possíveis estratégias pedagógicas, desejo de conhecer mais da realidade dos alunos/as, a partir da oportunidade dada aos pais de se expressarem, de pontuarem seus anseios, angústias e perspectivas em relação a escolarização dos seus filhos.

Castro e Regattieri (2010, p. 39) afirmam que “numa reunião em que há uma preocupação maior com a interação, a equipe da escola organiza informações sobre o desempenho dos alunos (geral e individual) e também orientações sobre como as famílias podem estimular os alunos a se empenharem nas atividades escolares”. Para as autoras, este momento deve deixar claro o papel dos agentes educacionais que é ajudar os pais a identificarem seus papéis na escola e no apoio e complementação da educação escolar dos filhos. Nesse contato deve-se usar linguagem apropriada levando em consideração o contexto

social no qual a escola está inserida e criar espaço para que haja manifestação e esclarecimento de dúvidas. As autoras ainda enfatizam que:

[...] vão existir sempre reuniões e reuniões – poderão ser produtivas ou infrutíferas, dependendo da forma como são construídas. Ao organizar encontros e palestras, a escola precisa ter em seu horizonte algumas questões, como por exemplo: qual lugar é reservado para as famílias? A atividade reforça a assimetria entre quem sabe/quem não sabe, quem é especialista ou formado/quem não é, ou estabelece um espaço efetivo de diálogo em que todos são interlocutores válidos? Nessa segunda perspectiva, educadores escolares e famílias podem ter a chance de se educarem juntos (CASTRO; REGATTIERI, 2010, p.40).

Uma reunião quando é organizada oportunizando voz aos sujeitos envolvidos: professores, pais, gestores, todos terão a oportunidade de aprender juntos, o que irá refletir positivamente na escolarização dos alunos. Desta forma a família pode dialogar nas reuniões sem enxergar os professores e gestores como únicos detentores do saber.

Segundo Piaget (2007, p. 50), “[...] se toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem senão educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos”; ou seja, os/as professores/as como especialistas da educação podem orientar os pais, além de compreender a capacidade e o tempo que possuem para auxiliar os filhos no processo de escolarização.

Para Castro e Regattieri (2010), a escola divide a responsabilidade do ensino com a família quando envia tarefas para casa e espera que os pais acompanhem seus filhos. Numa simples troca de informações, quando o professor envia a tarefa para casa e os pais acompanham o filho na resolução, saberão como anda o aprendizado do aluno, podendo assim, gerar pautas de debates entre os pais e os professores. Nesse sentido, Piaget (2007, p. 50) fala que:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva pois muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se a uma divisão de responsabilidades.

Nessa panorâmica, a escola além de identificar as dificuldades pedagógicas dos alunos para atendê-los de acordo com suas necessidades individuais, deve adaptar-se, também, às particularidades de cada família, respeitando seus limites e possibilidades para que haja uma ação conjunta de ambas as partes, pois, “[...] quando a escola melhora seu conhecimento e compreensão sobre os alunos, sua capacidade de comunicação e adequação das estratégias

didáticas aumenta e, em consequência, aumentam as chances de um trabalho escolar bem-sucedido” (CASTRO; REGATTIERI, 2010, p.7).

A escola tem a missão de adaptar-se ao contexto social ao quais seus alunos estão inseridos. Devendo, buscar meios para que haja uma verdadeira interação com as famílias, promovendo momentos de trocas de informações, e a efetivação de um diálogo que, deve se tornar frequente entre as famílias e os profissionais da escola. Não é possível pensar uma escola desvinculada de seus contextos sociais e culturais. Para que isso aconteça:

É preciso que as escolas conheçam as famílias dos alunos para mapearem quantas e quais famílias podem apenas cumprir seu dever legal, quantas e quais famílias têm condições para um acompanhamento sistemático da escolarização dos filhos e quantas e quais podem, além de acompanhar os filhos, participar mais ativamente da gestão escolar e mesmo do apoio a outras crianças e famílias. É nesse sentido que a interação com famílias para conhecimento mútuo destaca-se como uma estratégia importante de planejamento escolar e educacional. O levantamento sistemático de informações objetivas sobre os recursos e as atitudes das famílias frente à escolarização dos filhos deve substituir ações baseadas em suposições genéricas do que, em tese, toda família deveria fazer para o bom desenvolvimento dos filhos. “De novo, temos que passar da “família esperada” à “família real” para traçar estratégias mais eficazes visando o envolvimento familiar na vida escolar dos alunos (CASTRO E REGATTIERI, 2010, p.41).

Ao conhecer a família dos alunos, a escola tem uma melhor compreensão da contribuição que terá para a execução de suas ações e projetos, pensando em todos os aspectos explicitados pelos pais/mães, dessa forma. “[...] a conquista da tão desejada participação das famílias na vida escolar dos alunos deve ser vista como parte constituinte do trabalho de planejamento educacional” (CASTRO; REGATTIERI, 2010, p. 7).

Ao reconhecer a importância da colaboração dos pais, a escola estará valorizando a participação dos mesmos e conseqüentemente estará promovendo o desempenho escolar dos educandos, pois: “Por pequena que seja em comparação com tudo o que há por fazer na escola, a contribuição que os pais podem dar para o processo pedagógico escolar precisa ser levada em conta para evitar o risco de se ignorar algo que é imprescindível para o bom desempenho dos alunos” (PARO, 2001, p. 72).

Assim, escola e pais devem buscar “[...] formas peculiares de relacionamento que sejam compatíveis com a realidade de pais, professores, alunos e direção, a fim de tornar este espaço físico e psicológico um fator de crescimento e de real envolvimento entre todos os segmentos” (POLONIA; DESSEN, 2005, p. 307). Castro e Regattieri (2010, p. 41) complementam:

É claro que o trabalho conjugado entre as duas instâncias socializadoras favorece o desenvolvimento integral (incluindo a carreira escolar) das crianças e adolescentes. Mas não podemos esquecer que, sendo o Estado o responsável primário pela educação pública, deve procurar meios para priorizar e garantir esse direito. O sistema de ensino que deposita todas suas expectativas ou a culpa dos resultados escolares de seus alunos exclusivamente na família está de alguma forma renunciando a sua missão.

Diante do exposto podemos então refletir que a interação entre a escola e a família é de fundamental importância no processo de escolarização das crianças, e que estas devem estar abertas a troca de experiências e ao compartilhamento de responsabilidades. A escola não funciona isoladamente, é necessário que todos os envolvidos com a instituição de ensino: pais, alunos, professores, gestores, funcionários, ou seja, toda a comunidade escolar assumam suas funções para juntos construir uma educação de qualidade. O capítulo seguinte apresenta o percurso metodológico que foi percorrido para a realização desta pesquisa.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo apresenta a metodologia utilizada durante a realização da pesquisa, que teve como objetivo central investigar a relação família-escola na U. Escolar Duque de Caxias no ano de 2015, bem como analisar a visão das educadoras da referida escola sobre a presente temática em estudo.

2.1 Tipo de Pesquisa

Para a realização do presente trabalho optamos pelo estudo de campo, no qual houve entrevista, e também leituras de livros, estudo de textos, artigos, dissertações, pesquisas na internet, dentre outros.

Gil (2009, p. 26) afirma que "pode-se definir pesquisa como processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O Objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos". Afirma ainda que, a partir desse conceito, é possível definir pesquisa social como o processo que, utilizando-se da metodologia científica, obtêm-se novos conhecimentos no campo da realidade social que envolve todos os aspectos relativos ao homem e seus diversos relacionamentos.

Para Gil (2002, p. 17), "A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema". Sobre o desenvolvimento da pesquisa e suas fases, o autor descreve:

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados. (GIL 2002, p.17).

A metodologia utilizada na realização do presente trabalho foi a pesquisa de campo, apresentando um caráter qualitativo, onde a mesma tornou possível a coleta de dados utilizando técnicas que transpareçam a subjetividade dos sujeitos da pesquisa.

A pesquisa de campo, de acordo com Almeida (2011, p. 35), "vem em contraposição á pesquisa em laboratório, normalmente caracterizada como experimental. O que se busca é

observar os fatos como eles ocorrem no ambiente natural, sem que se possam isolar e controlar variáveis”.

Sobre a pesquisa qualitativa, Silva e Menezes (2005, p. 20), consideram que:

Há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Para Richardson (2012, p. 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, logo, possibilita-nos a trabalhar com as falas e os sentimentos dos envolvidos no estudo.

Fizemos um levantamento bibliográfico ao qual foram mapeadas e sistematizadas referências da literatura especializada para aprofundar a abordagem teórica sobre os temas que transcorrem a pesquisa, a exemplo das contribuições de Caetano (2004), Castro e Regattieri (Orgs.) (2010), Chraim (2009), Oliveira e Marinho-Araújo (2010), Paro (2008), Piaget (2007), Polonia e Dessen (2007), Reali e Tancredi (2005) dentre outros. A seguir, descrevemos os instrumentos utilizados para o desenvolvimento da referida pesquisa.

2.2 Instrumentos de coleta de dados

Todo processo investigativo requer técnicas e instrumentos adequados para a coleta dos dados. Para a presente pesquisa optamos pela utilização da entrevista estruturada como instrumento para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa.

As entrevistas estruturadas foram direcionadas às docentes da Unidade Escolar Duque de Caxias, com o intuito de analisar a visão dos educadores/as da referida escola sobre a participação da família no processo de escolarização dos alunos no ano de 2015. Gil (2009, p. 113) faz a seguinte reflexão sobre a entrevista estruturada:

A entrevista estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número. Por possibilitar o tratamento quantitativo dos

dados, este tipo de entrevista torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais.

“Entre as principais vantagens das entrevistas estruturadas estão a sua rapidez e o fato de não exigirem exaustiva preparação dos pesquisadores, o que implica custos relativamente baixos” (GIL, 2009, p. 113). Para Gil (2009), a entrevista estruturada ainda possibilita a análise estatística dos dados, por utilizar padronização em suas respostas, apresentando desvantagem apenas por não analisar os fatos com profundidade, já que é realizada através de uma lista prefixada de perguntas.

Entrevista, segundo Júnior (2009, p. 217): “São enquetes destinadas a conhecer a opinião de uma população a respeito de um determinado fenômeno. Permite obter o dado na hora, com maior precisão na verificação de erros de interpretação”.

Gil (2009, p. 109) faz a seguinte reflexão sobre as perguntas a serem elaboradas para o roteiro de entrevista para a pesquisa de campo:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Enquanto instrumento para coleta de dados, para as autoras Rosa e Arnoldi (2006, p.17):

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo.

A contribuição significativa entre os instrumentos da pesquisa propiciam a aquisição de maiores detalhes sobre a temática estudada, confirmando maior concisão nas análises. Falaremos na próxima seção sobre o campo de pesquisa.

2.3 Caracterização do campo de pesquisa

A Escola Municipal Duque de Caxias está localizada à Rua da CHESF, S/N, Bairro – Aerolândia, Picos/ PI. A mesma atendia um total 136 alunos do ensino fundamental (2015), nos anos iniciais, distribuídos em oito turmas: 04 no período matutino, sendo 1º, 2º, 4º e 5º anos, e 04 turmas no período vespertino, sendo 2º, 3º, 4º e 5º anos. A Escola funciona nos períodos da manhã, das 7:00hs às 11:00hs e tarde, das 13:00hs às 17:00hs.

O quadro de funcionários compreende: 14 professores, 01 diretor, 01 coordenadora pedagógica, 02 secretárias, e 09 funcionários de serviços gerais.

No que se refere à estrutura física da escola, tem 04 salas de aulas, 01 biblioteca, (sala de leitura), 01 sala de recursos multifuncionais, 01 laboratório de informática, 01 sala pra professores, 01 diretoria e secretaria, 01 cozinha, 01 depósito, quatro banheiros, sendo dois com acessibilidade, 01 pátio e 01 sala de atividades do programa mais educação. Esta estrutura da escola torna-se comprometida por ser pequena e seu espaço não ser adequado à demanda de atividades. Na figura 1, apresentamos a imagem da faixa frontal da escola.

Figura 01: Visão externa da escola Municipal Duque de Caxias – Picos-PI



Fonte: Pesquisadora

Apontamos dados importantes sobre a clientela que a escola recebe, que, no geral são alunos de baixa renda, e de comunidade carente. Quanto à acessibilidade, é considerada regular, com rampas de acesso na entrada e para dois banheiros. Sobre os sujeitos participantes deste estudo, apresentamos na sessão a seguir, as descrições necessárias para o desenvolvimento deste estudo.

2. 4 Caracterização dos sujeitos

Os sujeitos escolhidos para a pesquisa foram docentes da Unidade Escolar Duque de Caxias, onde foi aplicada a este público uma entrevista estruturada, com o intuito de analisar a

visão destes educadores sobre a participação da família no processo de escolarização dos alunos no ano de 2015.

Foram convidadas quatro docentes para participarem da presente pesquisa, sendo todas mulheres, com idade entre 19 e 40 anos. A escolha por este determinado número de sujeitos foi pensada dessa maneira, por compreendermos que teríamos a possibilidade de analisar detalhadamente os dados que seriam coletados, e uma quantidade maior de sujeitos poderia comprometer a análise dos dados, tendo em vista o tempo disponível para a realização desta pesquisa.

Quadro 1: Perfil das docentes

Sujeitos	Sexo	Idade	Formação acadêmica	Especialização	Tempo de atuação	Tempo na escola
P1	Feminino	40 anos ou mais	Graduação em Biologia	—————	18 anos	13 anos
P2	Feminino	40 anos ou mais	Graduação em Pedagogia	Metodologia do Ensino Superior	18 anos	3 anos
P3	Feminino	35 a 40 anos	Graduação em Letras	Língua portuguesa e Literatura	17 anos	12 anos
P4	Feminino	40 anos ou mais	Graduação em Pedagogia	Psicopedagogia	10 anos	10 anos

Fonte: Pesquisadora

Todos os sujeitos da pesquisa se prontificaram de modo gentil a nos atender, foram muito educadas e atenciosas ao responderem a entrevista, e não houve restrição quanto à utilização das respostas. Os dados foram colhidos na escola e também nas residências das professoras. As respostas foram gravadas e posteriormente transcritas com fidelidade aos seu conteúdo. As docentes em sua maioria, como podemos perceber, possuem muito tempo de atuação na área da educação, assim como de atuação na referida escola.

No decorrer do trabalho, observamos as respostas que foram dadas pelos sujeitos na entrevista realizada, e assim podemos analisar a opinião destes quanto à participação da família no processo de escolarização dos alunos no ano de 2015, e a importância desta para o desempenho dos alunos na escola. A seguir, apresentamos o capítulo referente à análise e discussão dos dados coletados nesta pesquisa.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta parte do trabalho, trazemos os dados coletados através de entrevistas que foram aplicadas às quatro professoras, sujeitos desta pesquisa. De posse do material coletado, fizemos a análise detalhada das respostas obtidas. A entrevista continha doze questões entre abertas e fechadas, relacionadas a temática em estudo, sendo que sete destas foram analisadas mais profundamente, pois possuem relação direta com o tema da pesquisa, e cinco questões só foram utilizadas a nível de informações pessoais de cada sujeito participante. Optamos pela análise de conteúdo, que Bardin (2009, p. 42) discorre afirmando que esta análise:

[...] designina-se sob o termo de análise de conteúdo: Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Para Richardson (2012, p. 223), “[...] a análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa e como tal, tem determinadas características metodológicas: objetividade, sistematização e inferências”. O momento da análise de dados é muito importante, pois aproxima ainda mais o pesquisador ao seu objeto de estudo. Este procedimento foi realizado relacionando os resultados da entrevista à luz de teóricos que tem como linha de estudo a temática desta pesquisa, pois, “a análise de conteúdo se faz pela prática” (BARDIN, 2009, p. 51). A seguir, iniciamos a análise das respostas apresentadas pelas professoras diante das perguntas feitas.

3.1 Resultados das entrevistas realizadas com as professoras

Neste tópico, analisamos as respostas dadas pelas quatro docentes da Unidade Escolar Duque de Caxias através da entrevista realizada. Todas as questões são relacionadas à participação da família no processo de escolarização dos alunos no ano de 2015, e a importância desta para o desempenho dos alunos na escola. Vejamos os resultados:

A **primeira pergunta** feita: Em sua opinião, o acompanhamento dos pais é importante para educação dos alunos? Por quê? Sobre esta questão, as professoras responderam:

“Muito importante [...] porque com o acompanhamento o aluno tem mais participação na aula mesmo. [...] o pai cobra o dever de casa, as tarefa, e incentiva o aluno a cada dia [...] tentar aprender mais, [...] na minha opinião, [...] a escola não anda só, tem que ter a ajuda dos pais” (P1, 2015).

“Sim é importante, porque a partir do momento que eles acompanham, os alunos têm mais rendimento, as dificuldades são sanadas com maior rapidez e os alunos consequentemente tem um melhor proveito na escola, no estudo” (P2, 2015).

“Sim, é importante [...] para o desenvolvimento de uma criança na educação, pois é a partir, [...] do acompanhamento dos pais [...] que a criança vai se desenvolver melhor, [...] os pais [...] poderão sentir as dificuldades em que eles estão sentindo, e o que eles podem melhorar para o aprendizado[...].” (P3, 2015).

“Sim, geralmente os alunos que são acompanhados tem um melhor desempenho em sala de aula e o melhor comportamento” (P4, 2015).

Diante do que foi exposto pelas docentes, podemos perceber que foram unânimes em afirmar a importância do acompanhamento dos pais para a educação dos alunos, que esta auxilia na participação dos mesmos na sala de aula, num melhor comportamento, e consequentemente, os educandos têm uma aprendizagem mais significativa, assimilando melhor os conteúdos repassados pelos professores.

E através dos deveres para casa, os discentes conseguem fixar melhor os conteúdos. Como P2 afirmou que os alunos podem ter o auxílio dos pais e sanar as dificuldades, tendo os pais uma maior percepção do que os seus filhos estão aprendendo na escola e no que podem melhorar, além de incentivá-los a se esforçarem cada vez mais em busca de um melhor aprendizado.

Em relação aos deveres de casa, Sanders e Epstein (1998) afirmam que, os pais, além de supervisionar e acompanhar a realização das tarefas escolares, também adotam, em suas residências, meios voltados à disciplina e ao controle de atividades lúdicas, sendo possível a eles analisarem, identificarem e realizarem as intervenções necessárias referentes aos processos de desenvolvimento e aprendizagem dos filhos.

O acompanhamento familiar é imprescindível para o processo de escolarização dos alunos e a integração entre família e escola proporciona a promoção do desenvolvimento escolar e humano, refletindo positivamente no desempenho escolar dos educandos. Reforçando este pensamento, Marques (2001) afirma que a importância e a influência da família como agente educativo é inquestionável, e que os vínculos afetivos saudáveis entre pais e filhos são positivos para a interação em situações cotidianas, adaptando-o a todos os ambientes que ele participe.

A **segunda pergunta** apresentada às professoras foi: Como se dá o acompanhamento dos familiares no processo de escolarização dos filhos? Sobre isso, as docentes afirmaram:

“Eu acho que [...], não vou dizer todos, [...] mas tem muitos que trazem o aluno pra escola pra se ver livre [...] do filho de casa [...], tem muitos pais que querem o bem

do filho, [...] tem uma vontade que o filho cresça, aprenda, estude e um dia chegue a uma Universidade [...], mas tem muitos que não tá nem aí [...]" (P1, 2015).

"Eles acompanham às vezes nas reuniões bimestrais que a gente faz, no plantão escolar [...] mensalmente, [...] aqueles que dão mais atenção, vai mais na escola, é justamente aqueles em que os alunos tem menos dificuldades, os que a gente percebe que as dificuldades são maiores, os pais raramente comparecem [...] nas reuniões, ou na escola para saber como é que o filho tá o seu desenvolvimento [...]" (P2, 2015).

"Nessa escola, [...] o acompanhamento dos familiares é muito distante, pois [...] boa parte dos [...] filhos são [...] de pais separados, são famílias de presidiários, então o acompanhamento é muito difícil, e os que têm ainda [...] como se diz assim, uma família ajustada, mesmo assim ainda existe dificuldade para que os pais acompanhem os filhos, porque muitas vezes [...] nenhum aluno trazia os deveres prontos de casa, [...] nem a tarefinha de casa, que é um dever dos familiares, dos pais acompanhar essa tarefa" (P3, 2015).

"Geralmente os familiares não se preocupa muito [...], em média uns 40% acompanham seus filhos" (P4, 2015).

Através do relato das professoras é possível perceber a carência de acompanhamento da família no processo de escolarização dos filhos\as. Apesar das exceções de pais\mães que se esforçam para que "o filho cresça, aprenda, estude e um dia chegue a uma Universidade", há afirmações de que a maioria dos familiares não participa das reuniões bimestrais e do plantão escolar oferecidos pela escola.

Afirmam também que os alunos não são auxiliados nas tarefas para casa, que é função dos pais, o que resulta em os mesmos chegarem à escola sem terem respondido às atividades propostas pela escola, não atingindo o objetivo desta atividade. Ressaltam, também, que alguns alunos são filhos de pais separados, de presidiários, fatores que de certa forma interferem o acompanhamento familiar ideal por não haver a disponibilidade necessária para a participação na vida escolar dos filhos. Nessa trilha,

Uma família cujos membros mais velhos frequentaram a escola por um tempo significativo tende a entender e valorizar o que acontece nesta instituição. Isso facilita a transmissão das regras escolares aos seus membros mais jovens [...]. O acompanhamento do dever de casa é outro exemplo de como a escola requisita espaço e tempo do cotidiano familiar. Entretanto, muitas famílias simplesmente não sabem ou não conseguem realizar esse acompanhamento com a disponibilidade e/ou competência que se espera delas (CASTRO; REGATTIERI, 2010, p.17).

Diante da realidade do contexto pesquisado, podemos perceber a falta de incentivo e acompanhamento que os pais e familiares têm em relação à escolarização dos filhos\as, seja por falta de interesse, disponibilidade ou falta de competência suficiente para auxiliar esta atividade, resultando em alunos desinteressados, o que reflete no seu desenvolvimento escolar e comportamental.

Essa erosão do apoio familiar não se expressa só na falta de tempo para ajudar as crianças nos trabalhos escolares ou para acompanhar sua trajetória escolar. Num sentido mais geral e mais profundo, produziu-se uma nova dissolução entre família e escola, pela qual as crianças chegam à escola com um núcleo básico de desenvolvimento da personalidade caracterizado seja pela debilidade dos quadros de referência, seja por quadros de referência que diferem dos que a escola supõe e para os quais se preparou (TEDESCO, 2002, p. 36).

Diante da leitura da citação acima, podemos refletir que a família deve se esforçar para estar mais presente na vida dos filhos e em sua escolarização de maneira comprometida e colaborativa, realizando sua função quanto à formação da identidade, caráter e valores, além de acompanhar e incentivar seus filhos nas atividades propostas pela escola dando continuidade ao trabalho escolar.

Dando continuidade às análises, a **terceira questão** apontada para as professoras foi a seguinte: Como se dá o desempenho das crianças que foram acompanhadas pela família na escola? Seguem as respostas dadas:

“Ah, o desempenho é bem melhor. A mãe que vem procurar saber quais são as atividades, quando é que tem prova, quando o aluno [...] tá dando trabalho, se ele tá participando, esse aluno tem a nota bem melhor, não só a nota como a aprendizagem, [...] eu acho, [...] que a nota também não é tudo, o importante é o aluno aprender [...]” (P1, 2015).

“Aqueles que são acompanhados [...] têm melhor aprendizagem, lê com mais fluência as atividades que a gente passa pra responder, seja na sala de aula, seja os trabalhos extraclasse [...], ou que elas façam sozinha o que alguém auxilie elas, mas elas sempre trazem feitos [...]” (P2, 2015).

“Com certeza, [...] o desempenho deles é melhor, [...] eu tenho dezoito alunos na sala de aula, o que existe um acompanhamento [...] que, como eu disse, é raro, [...] mas que convive com a família são em média de quatro, dezoito tira quatro alunos que a família acompanha [...], mas existia um aluno que ele se desenvolve muito bem sem ajuda da mãe mas do pai, [...] mais dentro desses dezoito alunos tinha um que superava, somente esse” (P3, 2015).

“As crianças acompanhadas pelos pais têm um melhor desempenho e também o comportamento melhor” (P4, 2015).

Pela fala das professoras, percebemos como o acompanhamento é de fundamental importância no processo de escolarização dos alunos e como reflete positivamente na escola, pois os alunos apresentam melhor desempenho na leitura, escrita e aprendizagem, além de influir também na área comportamental. Quando os responsáveis acompanham o rendimento escolar perguntando sobre as aulas, questionando e incentivando a resolução das tarefas

escolares, as crianças percebem esse envolvimento e se interessam mais em apresentar um bom resultado, participando ativamente das aulas.

Mas, lamentavelmente são poucos os alunos que contam com a participação dos pais e familiares na vida escolar. Como uma das professoras relatou, de “dezoito tira quatro alunos que a família acompanha”, ou seja, uma quantidade mínima de alunos devidamente acompanhados, desenvolvendo suas atividades com o apoio familiar.

Sobre esta realidade, Maldonato (1997, p.11) afirma: “Por falta de um contato mais próximo e afetivo, surgem às condutas caóticas e desordenadas, que se reflete em casa e quase sempre, também na escola em termo de indisciplina e de baixo rendimento escolar”. Como o autor ressalta, a falta de vínculos familiares interfere no desenvolvimento do ser humano, e conseqüentemente, nos meios ao qual este irá participar como a escola, refletindo na atitude comportamental e no rendimento escolar, o que é possível perceber no relato das professoras ao afirmarem a carência de acompanhamento da família no processo de escolarização dos filhos.

Para Varani e Silva (2010, p. 516), “a educação é um dever da família e da escola. Ambas devem interagir para garantir os direitos da criança nas questões referentes ao ensino, dando-lhes suporte e apoio para o pleno desenvolvimento da aprendizagem”. Toda criança tem o direito à educação. Para que esta seja satisfatória, é necessária a interação entre os dois contextos para que a criança tenha uma educação efetiva e formal, além do apoio familiar para o bom desempenho escolar.

A **quarta pergunta** apresentada às professoras foi: Quais mecanismos a escola utiliza para incentivar a participação da família no desempenho escolar dos alunos? Sobre este questionamento, as docentes responderam:

“Bem, a gente reúne [...] sempre mês a mês os pais pra incentivar eles, a cobrar dos alunos, [...] que a escola não pode caminhar sozinha, tem que ter com a ajuda deles e também porque, [...] se a mãe não tiver cobrando, [...] os aluno vem pra vim pra escola mesmo, [...] quando tem datas comemorativa, a gente incentiva as mãe vim pra fazer com que os aluno participe daquela atividade, [...] aqui nós já tivemos feira cultural, e, com a participação, com a ajuda dos pais, os aluno participava [...] com mais assiduidade, [...] com mais interesse [...]” (P1, 2015).

“A gente [...] procura sempre tá convocando os pais pra tá presente nas reuniões. [...] A gente costuma mandar um recadinho escrito, tanto falo oralmente pra ele dizer, mas como eles podem esquecer, a gente sempre quando tem reunião, quando tem plantão, a gente manda um bilhetezinho convocando, explicando o horário, às vezes deixa pregado no mural da escola pra quando os pais passar lá ver” (P2, 2015).

“[...] a gente costuma fazer essas reuniões de pais e mestres, que é um incentivo, [...] colocar vídeo, slide, palestras, [...] pra quê possamos trazer essa família pra dentro

da escola e possamos informar, conscientizando sobre a importância da participação da família na atividade escolar, na vida do seu filho [...]" (P3, 2015).

"Enviando tarefas para casa, pedindo que os pais ajudem a responder, pedindo nas reuniões que os pais acompanhem seus filhos" (P4, 2015).

As professoras relatam que os mecanismos utilizados pela escola são as reuniões escolares (com a utilização de vídeos, slides e palestras), plantão escolar mensal, eventos e datas comemorativas, com o intuito de incentivar a participação das famílias na escola e no desempenho escolar dos alunos.

A P1 enfatiza que a escola não pode caminhar sozinha, ressaltando a importância da participação da família no contexto escolar. Como forma de comunicação, as professoras utilizam bilhete, recado oral ou escrito, e às vezes dispõem do mural para avisarem os pais quanto aos eventos e reuniões escolares. Relatam também, que utilizam vídeos, slides e palestras para "informar conscientizando" sobre a importância da participação da família na atividade escolar e na vida dos alunos, e que os pais são orientados a colaborar e estimular os filhos a virem para a escola, e também, a auxiliar e incentivar a realização das tarefas, e quando há datas comemorativas, a participarem como um estímulo para que os filhos também participem com assiduidade e interesse.

À medida que a escola abre espaços e cria mecanismos para envolver a família no ambiente escolar, vão se criando laços de aproximação entre estes dois contextos de desenvolvimento social e humano. Os eventos realizados pela escola são oportunidades para que os pais participem e contribuam, dando sugestões e colaborando com a realização dos mesmos.

As reuniões escolares são um momento bastante oportuno para atrair a presença das famílias, mas, para isso acontecer de modo participativo, a escola necessita levar em conta o contexto social no qual as famílias estão inseridas, a real disponibilidade da família e dos responsáveis em estarem presentes, e até mesmo a falta de conhecimento do papel que eles podem desempenhar neste momento. Também é necessário que os professores deem abertura aos familiares para um atendimento individualizado, para que possam tratar de assuntos que dizem respeito exclusivamente aos seus filhos. Castro e Regattieri (2010, p. 44) enfatizam que:

A identificação das práticas e atitudes que distanciam as famílias de um diálogo focado no desenvolvimento escolar dos seus filhos é importante para, por exemplo, rever os conteúdos de formação dos docentes, reorganizar a forma como as escolas

convocam e recebem familiares dos alunos, repensar as instâncias de participação na gestão da escola, entre outras providências.

Para que haja uma real abertura e participação efetiva da família no contexto escolar, “não basta permitir formalmente que os pais de alunos participem da administração da escola, é preciso que haja condições propiciadoras dessa participação” (PARO, 2008, p. 13), ou seja, é necessário a construção de vínculos entre a escola e a família, e a iniciativa deve partir da escola abrangendo alunos e familiares, objetivando o desenvolvimento integral dos alunos para uma educação de qualidade.

A **quinta pergunta** que as professoras responderam: Em quais momentos há interação entre família e escola? A seguir, apresentamos as repostas:

“É muito pouca, [...] mas é nessas reuniões que a gente chama que ainda vem pouca mãe, pai nem se fala, [...] elas vêm mais, [...] pra participar de uma atividade como a festa do dia das mães, uma comemoração assim, [...] pra brincar, não pra vim pra ajudar o aluno. [...] a gente tem o plantão escolar, que é uma vez no mês, [...] é poucas que vem. No plantão os professores ficam o dia todo, o primeiro horário [...] é a entrega de provas, o segundo, é planejamento, aí esse primeiro horário é entrega de prova e receber os pais e as mãe, relatar [...] como é que os filhos tão, em comportamento também, [...] o mais importante seria, se a mãe incentivasse, o pai, [...] pode ser um tio, um avô, eu digo é muito aqui nas reuniões, não é obrigado a ser só a mãe não, porque às vezes a mãe trabalha, só vem à tarde, tarde da noite, [...] e não dá pra vim pras reuniões [...]” (P1, 2015).

“Têm maior interação quando, nas atividades tipo, oficinas, Dia das Mães, Dia da Criança, nesses momentos de atividade cultural [...] a gente percebe que a presença deles é maior [...]. Nas reuniões sempre eles vão [...]. Já no plantão a gente passa o ano todinho dando esse plantão, mas [...] não teve muito proveito, [...] só ia mesmo aqueles pais que já tinham costume [...] de ir, que vai todo dia deixar os filhos na escola, [...] os que a gente mais precisava no plantão escolar não comparecia. O plantão é mensalmente na entrega das avaliações, e as reuniões a gente faz [...] dependendo do momento, [...] às vezes tem uma reunião do conselho, a gente vai convocando dependendo da necessidade, mas costuma ser [...] bimestralmente. Mas aí se tem alguma atividade que precisa da presença dos pais a gente convoca extra classe” (P2, 2015).

“[...] a interação há nesse momento em que há as palestras, mas também existe uma interação no momento em que eles vêm deixar os filhos na escola, quando a gente precisa um comunicado, algo, a gente, chama o pai, ou a mãe, ou o responsável que vem com o filho, [...] todo mês a gente tem esse plantão pedagógico, que é a entrega das avaliação, e nesse momento [...] há o contato direto com os pais [...] É muito bom esse contato, é de extrema importância, satisfatório, e que precisa haver todo mês, [...] esse comunicado, essa interação [...]” (P3, 2015).

“[...] nas reuniões e entrega de provas” (P4, 2015).

Analisando a resposta das docentes podemos perceber que a interação entre a família e a escola acontece (ainda timidamente) nas reuniões escolares, no plantão escolar mensal, nos eventos e datas comemorativas, e no momento de entrega do filho na escola. Os professores

afirmam que a participação dos familiares nas reuniões e plantões escolares não é satisfatória. Na pouca participação, quem ainda se destaca é o grupo das mães, pois os pais quase não aparecem nestes momentos.

Relatam que o plantão escolar acontece mensalmente dividido em duas partes, o primeiro horário é a entrega de provas e conversa com os familiares sobre assuntos relacionados ao aluno, e a segunda parte é o planejamento da escola. Destacam que apesar de terem o momento do primeiro horário aberto à família para conversarem sobre seus filhos, para esclarecer as dúvidas, e também escutarem os professores quanto ao desenvolvimento, participação e comportamento do aluno, há pouco comparecimento, dificultando a interação entre ambos. Sobre os momentos de interação entre a família e a escola e as estratégias utilizadas pela comunidade escolar, Dessen e Polonia (2007, p. 26) destacam:

[...] o uso de estratégias deve ser adaptado às realidades distintas dos alunos e professores, às demandas da comunidade e aos recursos disponíveis, levando em conta as condições e peculiaridades de cada época ou momento histórico. Neste sentido, é importante identificar as condições evolutivas dos segmentos: professores, alunos, pais e comunidade, em geral, para o planejamento de atividades no âmbito da escola.

As estratégias de aproximação com as famílias realizadas pela escola devem levar em conta a realidade da comunidade escolar e dos familiares dos alunos, assim como o contexto social no qual os alunos estão inseridos, além da necessidade de um conhecimento prévio quanto a disponibilidade de participação dos pais na vida escolar dos filhos e no auxílio das atividades escolares.

Com as mudanças sociais e comportamentais da família, assim como as novas configurações familiares, a função da mulher como mãe também se modificou. Inicialmente era a principal responsável pelo ensino e cuidado dos filhos, hoje essa função não é de exclusividade da mulher, já que também assume na família o papel de mantenedora do lar, muitas vezes com jornada dupla de trabalho, o que resulta em menor tempo de participação na vida escolar dos filhos. Diante desta realidade, a escola tem a importante função de ser o ponto de partida para a construção da parceria entre a família e a escola para que haja a interação necessária entre estes dois contextos. Sobre isso, Castro e Regattieri (2010, p. 32) ressaltam:

Quando falamos em interação, pensamos em atores distintos que têm algum grau de reciprocidade e de abertura para o diálogo. Nessa perspectiva, é importante identificar e negociar, em cada contexto, os papéis que vão ser desempenhados e as responsabilidades específicas entre escolas e famílias. Por exemplo, considera-se

que o ensino é uma atribuição prioritariamente da escola. Esta, porém, divide essa responsabilidade com as famílias, quando prescreve tarefas para casa e espera que os pais as acompanhem. Em um contexto de pais pouco escolarizados, com jornadas de trabalho extensas e com pouco tempo para acompanhar a vida escolar dos filhos, essa divisão pode mostrar-se ineficaz. Por isso, da mesma forma como procura diagnosticar as dificuldades pedagógicas dos alunos para atendê-los de acordo com suas necessidades individuais, a escola deve identificar as condições de cada família, para então negociar, de acordo com seus limites e possibilidades, a melhor forma de ação conjunta. Assim como não é produtivo exigir que um aluno com dificuldades de aprendizagem cumpra o mesmo plano de trabalho escolar dos que não têm dificuldades, não se deve exigir das famílias mais vulneráveis aquilo que elas não têm para dar.

As autoras afirmam que a escola divide a responsabilidade da educação com as famílias ao compartilhar a educação dos filhos quando requisita o apoio dos pais em auxiliá-los nas atividades propostas pela escola para serem realizadas em casa. Ainda enfatizam a necessidade que a escola tem de buscar conhecer até que ponto pode contar com o auxílio familiar na escolarização dos alunos, considerando os diversos fatores aos quais podem impedir esse acompanhamento, assim como a participação dos mesmos na escola.

A **sexta pergunta** foi: Como acontece a interação pessoal entre você e a família dos alunos? As docentes responderam:

“Bem, a interação aqui é no momento que elas vêm buscar as atividades mensais, [...] tem mãe aqui que eu não vi nenhum dia, durante o ano todinho [...] e sim, quando acontece alguma confusão entre eles alunos mesmo, aí rapidinho aparece [...]. Quando o aluno vem duas, três semanas sem trazer os materiais didáticos, aí eu mando ele ir pra casa, [...] porque no momento que ele chega lá ela vem procurar saber porque foi que eu mandei [...]. Mas também tem exceção, tem mãe que [...] vem mês em mês, mais vem” (P1, 2015).

“[...] a interação se dá lá na escola, a gente conversa com os pais, explica aqueles que estão precisando de um acompanhamento melhor, também os que não precisam, a gente tá sempre reforçando, elogiando, dizendo como é que tá o desempenho [...], a interação pessoal entre mim e a família dos alunos se dá normalmente, é uma interação sem problemas, eu não tive o que dizer dos pais, que agente convocou, sempre compareceram, [...] quando a gente mandava chamar, tavam disposto a sanar as dificuldades que a gente encontrava” (P2, 2015).

“Acontece [...] na escola, às vezes [...] no caminho de casa [...] porque quando ele sabe que aquela é a professora de meu filho, sempre perguntam às vezes na rua [...] eles querem até mesmo na rua tirar alguma conclusão sobre seu filho [...], e até mesmo fora, no bairro, numa igreja, [...] em qualquer lugar que você esteja acontece essa interação” (P3, 2015).

“Através de conversas com os pais sempre que eles vêm na escola e quando fazemos reuniões” (P4, 2015).

Ao analisar o relato das docentes, constatamos opiniões e formas distintas de interação, segundo a realidade da sala de aula que cada professora trabalha. Podemos perceber que o momento de maior comunicação com a família dos alunos acontece no plantão escolar, quando os mesmos vão à escola para receber as avaliações mensais dos filhos, sendo que a quantidade de participação varia entre as salas, e como já vimos nos relatos anteriores, esta é insatisfatória.

A P1 afirma que há mães que raramente vão à escola, exceto para casos extremos relacionado a problemas disciplinares e comportamentais dos filhos. Para P2, a interação acontece de forma natural e positiva, a docente afirma dialogar quanto às necessidades e desempenho dos alunos, tendo o comparecimento dos pais sempre que necessário. Já P3 afirma que a interação entre a docente e a família dos alunos acontece em diversos ambientes, como na escola, a caminho de casa, na igreja, entre outros, pois os pais, reconhecendo a professora, e diante das limitações de um acompanhamento mais participativo na escola, aproveitam esses momentos para sanar dúvidas referente ao desenvolvimento e comportamento dos filhos, demonstrando interesse pelo processo de escolarizações dos mesmos.

Desta forma, podemos inferir que a interação entre a família e os professores é muito importante, para que ambas conheçam suas realidades e limitações, pois nestes momentos, ambos têm a oportunidade de conversarem sobre o desenvolvimento e dificuldades do aluno no processo de aprendizagem, assim como formas de orientação e incentivo.

Para Oliveira e Araújo (2010), envolver a família na educação escolar pode representar uma ameaça para alguns professores, por se sentirem destituídos de sua competência e de seu papel de ensinar. Desta forma, muitos professores não conseguem assumir o papel de mediador na relação entre a escola e a família, ao contrário deste pensamento, deve construir uma parceria positiva com os familiares dos alunos afim de dividir a responsabilidade da educação de maneira compartilhada, visto que cada instituição tem sua função na escolarização dos alunos.

Vistos como “especialistas da educação” pela formação específica que possuem, os professores diante das diversidades e contextos sociais em que seus alunos estão inseridos, têm a função de criar mecanismos de aproximação com as famílias, para que mantenham um diálogo mútuo objetivando um trabalho escolar bem sucedido. Para isso, a escola deve proporcionar “[...] ocasiões de diálogo, convivência e inclusão na vida escolar, e promova a extensão da função educativa para os pais e a participação destes nas decisões da instituição

de ensino, pois só assim eles terão as condições necessárias para influir a respeito das ações e objetivos da escola” (VARANI; SILVA, 2010, p.521).

A **sétima e última pergunta** trazida para esta análise: Você acha que a sua contribuição para o incentivo da interação família e escola é satisfatória? Por quê? As respostas são as seguintes:

“Bem, eu não sei se a gente chega um ponto que [...] fica tão [...] decepcionado, que às vezes falta até incentivo de certas maneiras, porque a gente manda recado, manda dizer, [...] bilhetinho, tem muitos que nem aparece [...], todo ano eu fecho o livro, não é assim passando por cima não, tento ensinar de uma maneira que o aluno aprenda [...] então, acho que a minha parte, pelo menos dando o conteúdo, enquanto tá na sala, eu tento, [...] o contato com elas mais é só em reuniões mesmo [...]” (P1, 2015).

“Eu acho que sim, é claro que a gente sempre acha que poderia ter feito mais [...], mais [...] eu acho que o que tava dentro das minhas possibilidades, [...] eu fiz [...], porque a gente sabe que [...] nem a gente pode fazer 100% se a pessoa, o outro não está interessado, [...], mas eu acho que [...] fiz minha parte e acredito que foi satisfatória [...]” (P2, 2015).

“É, essa interação é muito importante, é satisfatória, [...] a família não ajuda a contribuir sobre a importância de ter a educação, então é satisfatória em um certo ponto, mas poderia ser mais ainda, pra gente poder mostrar, explicar e abranger o valor de termos uma educação” (P3, 2015).

“Sim, porque sempre que vejo alguns familiares de seus alunos, procuro conversar com eles a respeito do rendimento do aluno” (P4, 2015).

Ao responderem sobre a sua contribuição para o incentivo da interação entre família e escola, as docentes apresentaram diferentes opiniões, mais há um ponto quase comum na fala das mesmas, em que percebemos a importância da abertura das famílias às iniciativas de incentivo tomadas pelas professoras.

No relato da P1, podemos perceber a ação do tempo, que pelo desgaste de iniciativas tomadas durante anos, acaba gerando um sentimento de decepção, o que repercute nas iniciativas futuras, resultando na reprodução de práticas convencionais. A mesma afirma que apesar de utilizar formas de contato através de recados, bilhetes, entre outros, estes não surtem efeito no sentido de conseguirem a presença da família na escola. Mesmo assim, considera estar fazendo sua parte quando relata repassar todo o conteúdo do livro didático para os alunos, de maneira que julga suficiente para a assimilação do conteúdo pelos mesmos.

Nos demais relatos, as docentes afirmam que a interação ocorreu de acordo com as possibilidades de cada uma, utilizando-se das oportunidades e contato das famílias com a escola. Diante do exposto, podemos notar que a motivação das docentes em incentivar a

relação entre a família e escola sofre interferências pela realidade social que cercam as mesmas.

Afirmar que as famílias são desinteressadas e desestruturadas por não participarem da escola e do processo de escolarização dos filhos é deixar de levar em consideração as mudanças do contexto social e as novas configurações familiares das quais os alunos fazem parte, deixando de analisar as reais causas que impedem essa participação. Essas dificuldades são desafios que precisam ser diariamente rompidos pelos membros das escolas.

Para tanto, é necessário que as escolas trabalhem no sentido de também fazerem com que a família compreenda o seu papel, sua importância e função dentro deste espaço, para colaborarem com a escola, no sentido de repassar essa percepção de importância do ambiente escolar para os filhos. Acreditamos que, se esse ambiente não se caracteriza de uma forma importante para a família, esta por sua vez, farão os filhos entenderem a escola da mesma forma. Sobre isso, Castro e Regattieri (2010, p.42) afirmam:

Independentemente da estratégia de aproximação das escolas dos contextos familiares dos alunos, é importante que ela seja pensada para incidir diretamente no conhecimento que a escola tem sobre as condições de apoio educacional que cada aluno tem na dinâmica do seu grupo familiar. Ao conhecer as condições reais das famílias – simbólicas e materiais –, as escolas conseguem delimitar melhor o seu espaço de responsabilidade específica e planejar de forma mais concreta os apoios necessários para o grupo de alunos cujas famílias não têm condições (mesmo que temporariamente) de se envolver na escolaridade dos filhos. Além disso, quando os alunos percebem que seus professores os conhecem, sabem com quem moram, em que situação vivem, sentem-se mais seguros para expressar seus medos e dúvidas na sala de aula. Esse conhecimento pode vir por meio de visita domiciliar, realizada pelo próprio professor ou outro agente educacional, por informações organizadas via questionário, pela presença de pais nos espaços escolares e mesmo por atividades realizadas diretamente com os alunos.

As autoras enfatizam a missão que a instituição escolar tem na aproximação com as famílias, assim como buscar conhecer o apoio familiar que cada aluno tem em sua vida escolar, e, a partir daí pensar em mecanismos de aproximação e participação das famílias na escola, assim como nas atividades propostas para os alunos. Ao conhecer a realidade familiar do seu alunado e suas famílias, poderá preparar atividades, eventos e projetos condizentes à realidade dos mesmos, e através da aproximação dos professores com as famílias, os alunos também são beneficiados por se sentirem mais seguros para expressarem-se em sala de aula.

A seguir, apresentamos as conclusões obtidas durante o estudo, assim como sugestões que possam auxiliar no desenvolvimento de trabalhos futuros relacionados com o presente tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa enfatizamos a discussão sobre a interação na relação família-escola na Unidade Escolar Duque de Caxias no ano de 2015, bem como analisamos a visão das educadoras da referida escola sobre a presente temática em estudo.

As reflexões e diálogos que estabelecemos com teóricos como: Caetano (2004), Castro e Regattieri (Orgs.) (2010), Chraim (2009), Oliveira e Marinho-Araújo (2010), Paro (2008), Piaget (2007), Polonia e Dessen (2007), Reali e Tancredi (2005) dentre outros, nos levaram à compreensão da importância da interação entre a família e a escola, e da participação da família no processo de escolarização dos alunos, assim como a necessidade da criação de mecanismos de aproximação entre estes dois contextos de desenvolvimento social e humano.

Optamos por uma pesquisa relacionada à relação família e escola a partir das impressões adquiridas durante a experiência de estágio supervisionado, onde pudemos perceber a importância da participação da família na escola para o êxito escolar dos alunos, a partir das inquietações apresentadas pelos docentes, devido o não acompanhamento dos pais quanto às atividades propostas pela escola para serem realizadas em casa, assim como no estudo para as avaliações bimestrais e o não comparecimento dos mesmos nas reuniões escolares.

Através das respostas obtidas na entrevista com as professoras, pudemos conhecer a visão das mesmas a respeito da participação da família no processo de escolarização dos alunos, assim como perceber o quanto consideram importante a participação da família na escola, ao mesmo tempo em que constatamos através dos seus depoimentos, a notável carência de participação das mesmas nas reuniões escolares e no plantão escolar mensais, que são oferecidos pela escola, dificultando a relação entre a família e a escola nesta unidade escolar, salvo exceções das famílias que se esforçavam para o sucesso escolar dos filhos. Em um dos relatos pudemos perceber a ação do tempo, que pelo desgaste de iniciativas tomadas durante anos, acaba gerando um sentimento de decepção nas docentes, repercutindo nas iniciativas futuras.

Diante da realidade relatada, faz-se necessário que a escola trabalhe no intuito de levar as famílias a compreenderem o papel, importância e função deste espaço como instituição formativa, deste modo, levando-os a compreender a necessidade de colaborar com a escola. Quando os pais adquirem esta compreensão, fazem também seus filhos entenderem a escola

da mesma forma, daí a importância da abertura da escola para os pais e do diálogo entre as duas instituições.

A partir das análises, podemos concluir que se faz necessário que a escola crie mecanismos para envolver as famílias no ambiente escolar, criando laços de aproximação entre estes dois contextos de desenvolvimento social e humano. Pois, o acompanhamento familiar é de extrema importância no processo de escolarização dos alunos e a integração entre família e escola proporciona a promoção do desenvolvimento escolar e humano, refletindo positivamente no desempenho escolar dos educandos.

Identificamos a interação da família na escola, e suas contribuições e limitações para o desempenho escolar dos filhos ao analisarmos as formas de comunicação que as professoras têm com a família dos educandos, assim como a pouca participação da família na escola e na vida escolar dos alunos. Diante do exposto faz-se necessário que os professores busquem novas formas de abertura às famílias para um atendimento individualizado, para que possam tratar de assuntos que dizem respeito exclusivamente a seus filhos, considerando o contexto social e cultural ao qual fazem parte, assim como as configurações familiares atuais e a pouca disponibilidade dos responsáveis no acompanhamento aos discentes, assim como precisa haver a compreensão dos diversos fatores que influenciam o comportamento dos pais em relação ao acompanhamento escolar dos filhos, como as experiências escolares e sua visão da escola.

Vistos como “especialistas da educação” pela formação específica que possuem, os professores diante das diversidades e contextos sociais em que seus alunos estão inseridos, tem a função de criar mecanismos de aproximação com as famílias, para que apesar das dificuldades, mantenham um diálogo mútuo objetivando um trabalho escolar bem sucedido.

É imprescindível a construção de vínculos entre a escola e a família, e a iniciativa deve partir da escola abrangendo alunos e familiares, objetivando o desenvolvimento integral dos alunos para uma educação de qualidade. Desta forma, podemos concluir que atingimos os objetivos propostos iniciais desta pesquisa, onde ainda enfatizamos a importância da interação entre a família e a escola, pois esta é imprescindível para que ambas conheçam suas realidades e limitações, e para que os pais e professores tenham a oportunidade de conversarem sobre o desenvolvimento e dificuldades dos alunos no processo de aprendizagem, assim como formas de orientação e incentivo, construindo mutuamente objetivos comuns quanto à aprendizagem e educação de qualidade para todos os alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mário de Souza. **Elaboração de Projeto, TCC, Dissertação e Tese: Uma abordagem simples, prática e objetiva.** São Paulo: Atlas, 2011. 80p.

AMAZONAS, M. C. L. A. ; DAMASCENO, P. R.; TERTO, L. M. S.; & SILVA, R. R. **Arranjos familiares de crianças de camadas populares.** Psicologia em Estudo, 2003, p. 11-20.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 de agosto de 2015.

BHERING, E.; SIRAJ-BLATCHFORD, I. (1999). **A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração.** Cadernos de Pesquisa, 106, 191-216.

CAETANO, L. M. **Relação escola e família: uma proposta de parceria.** Dialógica. 2004, p. 51-60.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **“Relações entre família e escola e suas implicações de gênero”** in Cadernos de Pesquisa, nº 110, julho/2000

CHRAIM, Albertina de Mattos. **Família e escola: a arte de aprender para ensinar.** Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009. 104p.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano.** Paidéia, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, 2007.

EPSTEIN, J. **School and family connections: theory, research, and implications for integrating sociologies of education and family.** Marriage and Family Review, v.1-2, p. 99-126, 1990.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 2.ed. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002

GROSSMAN, S. (1999). **Examining the origins of our beliefs about parents.** Childhood Education, 76, 24-27.

JUNIOR, Joaquim Martins. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos.** 3. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

KREPPNER, K. (2000). **The child and the family: Interdependence in developmental pathways.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16(1), 11-22.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MAHONEY, A. A. (2002). **Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais**. In PLACCO, V.S. (Org.). *Psicologia & Educação: Revendo contribuições*. p. 9-32. São Paulo: Educ.

MALAVAZI, Maria Márcia Sigrist. **Os pais e a vida escolar dos filhos**. 2000. 320 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARQUES, R. (1999). **A escola e os pais, como colaborar?** Lisboa: Texto Editora.

MARQUES, R. (2001). **Professores, família e projeto educativo**. Coleção: Perspectivas actuais em educação. Porto, Portugal: Asa Editores.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **A escola e a compreensão da realidade**. São Paulo: ed. Brasiliense s/a. 1983.

OLIVEIRA, Z. M. R. (2000). **Interações sociais e desenvolvimento: A perspectiva sociohistórica**. Caderno do CEDES, 20, 62-77.

OLIVEIRA, C.B.E.; MARINHO-ARAÚJO, C.M. **A relação família-escola: intersecções e desafios** (2009) Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012>. Acesso em: 08 de outubro de 2015.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar e qualidade de ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso?** In: BASTOS, João Baptista (Org.). *Gestão democrática*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. p. 57-72.

_____. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. 3. reimpr. São Paulo: Xamã, 2007.

_____. **Gestão democrática da escola pública**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A. (2005). **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola**. *Psicologia Escolar e Educacional*, p. 303-312.

REALI, A. M. M. R.; TANCREDI, R. M. S. P. **A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva**. Paidéia, 2005. p. 239-247.

RICHARDSON, R. Jerry. **Pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2012.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p

SANDERS, M. G.; EPSTEIN, J. L. (1998). **International perspectives on School, Family and community Partnerships.** Childhood Education, 74(6), 340-341.

SILVA, E. LUCIA; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas.** Brasília: Editora Plano, 2003.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna.** São Paulo: Ática, 2002.

UNESCO, **Interação escola-família: subsídios para práticas escolares** / organizado por Jane Margareth Castro e Marilza Regattieri. – Brasília: UNESCO, MEC, 2009.

VARANI, A.; SILVA, D.C. **A relação família e escola: implicações no desempenho escolar dos anos iniciais do ensino fundamental.** Disponível em <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/xcongreso/pdfs/t5/t5c122.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2015.

APÊNDICE



Estimado (a) professor (a),

Esta pesquisa é realizada por **CRISLEINE DA SILVA MOURA**, graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI/ CSHNB, que tem como temática: **Percepção das professoras em relação à participação da família no processo de escolarização dos alunos**, tendo como orientadora desta pesquisa a Prof^ª. Ms. Antonia Regina dos Santos Abreu Alves. Sua participação é essencial para obtenção dos resultados que serão fundamentais para o sucesso deste trabalho.

É importante ressaltar que a divulgação dos resultados desta pesquisa não vai identificar os participantes e de maneira alguma, os dados serão utilizados para outras finalidades que não sejam para fins desta pesquisa.

ENTREVISTA APLICADA AO (À) PROFESSOR (A)

1. Sexo:

() feminino () masculino

2. Idade:

() 19 a 22 anos () 23 a 26 anos () 27 a 30 anos

() 31 a 35 anos () 35 a 40 anos () 40 anos ou mais

3. Qual sua graduação? Tem especialização? Em qual área? _____

4. Há quanto tempo atua na área de educação? _____

5. Há quanto tempo você trabalha nesta escola? _____

6. Em sua opinião, o acompanhamento dos pais é importante para educação dos alunos? Por quê?

7. Como se dá o acompanhamento dos familiares no processo de escolarização dos filhos?

8. Como se dá o desempenho das crianças que foram acompanhadas pela família na escola?

9. Quais mecanismos a escola utiliza para incentivar a participação da família no desempenho escolar dos alunos?

10. Em quais momentos há interação entre família e escola?

11. Como acontece a interação pessoal entre você e a família dos alunos?

12. Você acha que a sua contribuição para o incentivo da interação família e escola é satisfatória? Por quê?



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Crisleine da Silva Moura,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Família e escola: percepção das professoras em relação à
participação da família no processo de escolarização dos alunos
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 04 de Agosto de 2016.

Crisleine da Silva Moura
Assinatura

Crisleine da Silva Moura
Assinatura